



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12963 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT11 - Política de Educação Superior

CAPITALISMO DE PLATAFORMA, HEGEMONIA E CAMPO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: POSSÍVEIS RELAÇÕES E IMPLICAÇÕES

Luan Tarlau Balieiro - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Mario Luiz Neves de Azevedo - UEM - Universidade Estadual de Maringá

CAPITALISMO DE PLATAFORMA, HEGEMONIA E CAMPO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: POSSÍVEIS RELAÇÕES E IMPLICAÇÕES

Resumo

Objetiva-se compreender as implicações do capitalismo de plataforma na Educação Superior, relacionando-o aos conceitos de hegemonia (GRAMSCI, 1999) e campo social (BOURDIEU, 2011). Problematiza-se que uma nova racionalidade emerge com a prevalência do capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2017) em uma sociedade neoliberal que engendra suas relações em competitividade, performatividade e mercadorização. Metodologicamente, trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, recorrendo à pesquisa exploratória e bibliográfica. Os resultados expressam que as práticas sociais passam a ser cada vez mais controladas, operacionalizadas e vigiadas. Conclui-se que o capitalismo de plataforma se consubstancia de variadas formas, com 'soluções tecnológicas' à Educação Superior que reforçam a acumulação privado-mercantil (SGUISSARDI, 2015).

Palavras-chave: capitalismo de plataforma; hegemonia; campo; educação superior.

Introdução

A hegemonia, para ser consolidada, requer um acordo de ordem coletiva. Um processo hegemônico implica a constituição de uma moral específica, de uma concepção de mundo que passe a ser reproduzida como uma verdade, uma cultura a ser injetada nas práticas de grupos sociais diversos. Uma construção ideológica hegemônica presume a superação do senso comum tradicional para a elaboração de outro que esteja alinhado à concepção do novo grupo

dominante (GRAMSCI, 1999).

Ademais, ao se valer das ponderações de Bourdieu (2011) a respeito do conceito de campo, vários grupos dominantes e/ou dirigentes se instalam nos espaços sociais para que a hegemonia seja circulada, repassada, expandida, em um movimento contínuo à semelhança do capitalismo, o qual sempre busca meios de reprodução. Tais grupos podem ser entendidos como grandes empresas que detêm um robusto capital econômico, com projetos de plataformas que adentram em vários segmentos (na Educação Superior, a título de exemplo, destacam-se: *Canvas*, *Google Classroom*, *Zoom*, *Teams*, dentre outras plataformas). Esses projetos interferem em nossa sociabilidade e eis o ponto: o fenômeno da plataformização instaura um novo patamar de hegemonia.

A respeito da hegemonia como um processo, Dias (2006), comentador das obras gramscianas no Brasil, postula que ela se efetiva tanto em um plano de movimento quanto em um plano de instituições. A discussão, nesse sentido, direciona-se ao entendimento de que há a arquitetura de uma nova racionalidade. Em suas palavras: *“Pensar-se a construção de uma nova forma social, uma nova sociabilidade, só é possível se pensarmos conjuntamente as formas específicas de sua realização material e simbólica”* (DIAS, 2006, p. 63, grifos do autor).

De modo a considerar um cenário digital no qual as relações sociais passam a ser remotas, quais seriam as formas específicas para a realização material e simbólica de uma nova sociabilidade/racionalidade? Para cada ação do cotidiano, recorre-se ao uso de aplicativos, plataformas e sistemas com características diversas. Acredita-se que uma nova racionalidade se fortifica com a prevalência do que se pode denominar capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2017) em uma sociedade neoliberal que engendra suas relações em competitividade, performatividade e mercadorização.

No âmago desses postulados, observa-se que a Educação Superior passa a ficar condicionada à mercadorização, afastando-se da noção de bem público (AZEVEDO, 2019). Assim, este trabalho objetiva compreender as implicações do capitalismo de plataforma na Educação Superior; mais especificamente, busca-se relacionar os conceitos de hegemonia (GRAMSCI, 1999), campo (BOURDIEU, 2011) e capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2017) mediante o atual contexto tecnológico em que esse nível de educação se encontra.

Metodologia

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013), recorrendo à pesquisa exploratória e ao procedimento técnico bibliográfico (GIL, 2008).

Discussão de resultados parciais

O fenômeno da plataformação conduz a um novo patamar de hegemonia (GRAMSCI, 1999), em que se propaga o uso de Inteligência Artificial (IA), de aparelhos tecnologicamente desenvolvidos e de aplicativos ou plataformas criadas para o atendimento a diversas necessidades cotidianas.

Com o avanço da tecnologia em uma civilização algorítmica, reflete-se que as práticas sociais passam a ser cada vez mais controladas, operacionalizadas e vigiadas. Não se pode compreender as ações sociais no neoliberalismo como apenas vinculadas a um embate entre público e privado; composto por novas peculiaridades, o ser neoliberal segue uma racionalidade dominante que o encaminha à competitividade, à performatividade, à mercantilização de sua vida. Não há autonomia, emancipação e conjunturas para que se proceda a uma simples ação que reporte à justiça social. O que prevalece é o sujeito neoliberal se corporificando à cultura da performatividade (BALL, 2014). A fim de ilustrar esse contexto digital, Azevedo (2018) se centra em uma passagem elucidativa de Ball (2014, p. 64) no que concerne às tecnologias neoliberais:

Na sua forma mais visceral e íntima, o neoliberalismo envolve a transformação das relações sociais em calculabilidade e intercâmbios, isto é, na forma de mercado, e, portanto, a mercantilização da prática educacional – por exemplo, nas economias de valor aluno, por meio da remuneração por desempenho, gestão de desempenho [...]. As tecnologias neoliberais trabalham em nós para produzir um corpo docente e discente ‘dócil e produtivo’, e professores e alunos responsáveis e empreendedores.

A citação trata do campo educacional, mas é inevitável não ampliar a discussão para a sociabilidade como um todo. As tecnologias no neoliberalismo implantam ideários voltados ao rendimento, à produtividade, quando se está diante de um contexto no qual há emulações e rivalidades. Por intermédio dessas tecnologias, o capitalismo de plataforma se fortifica. Srnicek (2017) entende a plataformação como uma realização completa do modelo capitalista. Mais especificamente, o autor examina que as plataformas equivalem a ações sistemáticas para tornar consecutivo o processo de produção-coleta-análise de dados à procura da hegemonia do mercado.

Vive-se em uma economia precipuamente digital. Para Srnicek (2017), há o engendramento de efeitos de rede: quanto mais pessoas usam uma plataforma, mais valiosa ela se tornará, especialmente na cotação em bolsa de valores. Diante desses postulados, entende-se que a economia digital contempla a tecnologia da informação, dados e internet para modelos de negócios. Trata-se de um segmento que perpassa por todos os setores tradicionais, demarcando-se como imprescindível para uma grande parte da economia atual.

Como as plataformas são pautadas na extração de dados e na criação de efeitos de rede, determinadas tendências são suscitadas da dinâmica competitiva: expansão da extração, convergência de mercados e fechamento de ecossistemas. Essas tendências passam a se

instaurar nos sistemas econômicos; logo, depreende-se que as plataformas se consubstanciam em ecossistemas digitais, cujos dados são elementos imperiosos, a ponto de serem comparados ao processo de extração do petróleo:

[...] devemos considerar os *dados* como a matéria-prima que deve ser extraída e as *atividades* dos usuários como a fonte natural dessa matéria-prima. Assim como o petróleo, os dados são um material a ser extraído, refinado e usado de várias maneiras. Quanto mais dados se tem, mais usos podemos fazer deles (SRNICEK, 2017, p. 23, grifos do autor, tradução nossa).

Considerações finais

A relação teórica entre os conceitos de hegemonia (GRAMSCI, 1999), campo (BOURDIEU, 2011) e capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2017) pode ser materializada na seguinte reflexão: em um contexto algorítmico, o capitalismo de plataforma se consubstancia de variadas formas. Há uma quantidade enérgica de plataformas trabalhando com extrações de dados, ampliando efeitos de rede e vendendo os resultados para outras empresas, as quais reproduzirão as mesmas atitudes. Uma atuação hegemônica tenderá a ser conservada enquanto houver acordos e projetos lucrativos em uma sociedade voltada à cultura da competitividade e da performatividade, com projetos de plataformas caracterizados como ‘soluções tecnológicas’ ao campo da Educação Superior que reforçam a acumulação privado-mercantil (SGUISSARDI, 2015).

Referências

AZEVEDO, M. L. N. de. A “Escola Cooperativa de Maringá” ou uma Escola com “Ensino Público e Gratuito com Microgestão Privada” (1991-1992): uma Experiência de Charter School no Brasil Avant la Lettre. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Arizona, v. 26, n. 132, p. 1-33, 2018.

AZEVEDO, M. L. N. de. Bem público, teoria do capital humano e mercadorização da educação: aproximações conceituais e uma apresentação introdutória sobre “público” nas Declarações da CRES-2008 e CRES-2018. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 13, n. 3, p. 873-902, 2019.

BALL, S. J. **Educação Global S. A.:** novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2014.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas:** sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. 11. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2011.

DIAS, E. F. O embate hegemônico. *In: Política brasileira: embate de projetos hegemônicos.* São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2006. p. 53-126.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere:** vol. 1 a 6. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio

de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B. L. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SGUISSARDI, V. Educação Superior no Brasil. Democratização ou massificação mercantil? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 133, p. 867-889, out./dez. 2015.

SRNICEK, N. **Platform Capitalism**. Cambridge-UK: Polity, 2017.